ENTRETEXTOS. Londrina, v. 26, esp.1, 2026.
ISSN 1519-5392 UEL
DOI: 10.5433/1519-5392.2026.v26.54822

Ensino de oralidade em inglês em tempos de plataformização: um relato de estágio supervisionado

Teaching oral English in the age of platformization: a report on a supervised teaching practicum

Enseñanza de la expresión oral en inglés en tiempos de plataformización: un relato de prácticas supervisadas

Célia Regina Capellini Petreche[1]
0000-0003-4298-9112
Vitória de Freitas Santos Pavão[2]
0009-0009-7452-920X

Resumo: Este estudo de natureza qualitativa investiga as dinâmicas do ensino de oralidade em língua inglesa em escolas públicas paranaenses, com foco na mediação pedagógica via Plataforma Inglês Paraná. A pesquisa fundamenta-se em um relato de experiência originado durante o Estágio Supervisionado, utilizando como procedimento analítico a Análise Paradigmática e Sintagmática (APS) sobre registros de diários reflexivos. Os resultados revelam que o ensino de oralidade ocorre em dois domínios: a Prática Docente e a Plataforma Inglês Paraná. No domínio da prática docente, o ensino de oralidade ainda se restringe à oralização da escrita (leitura em voz alta e repetição), com uso limitado de gêneros textuais. No domínio da Plataforma Inglês Paraná, são priorizadas atividades que envolvem escuta e repetição. De modo geral, verifica-se que o ensino de oralidade ainda enfrenta desafios, como a insuficiência de espaços de laboratório e a falta de equipamentos (fones e microfones), além de obstáculos motivacionais e pressão institucional por resultados quantitativos. Os resultados apontam um descompasso entre o que prescrevem os documentos oficiais, como a BNCC (Brasil, 2018) e o Referencial Curricular do Paraná (Paraná, 2018), e a realidade do contexto da escola pública paranaense observado. Embora não sejam recentes as discussões sobre o ensino da oralidade em inglês na perspectiva de língua como prática social, nem o discurso governamental sobre os benefícios do ensino de inglês via plataforma Inglês Paraná, os resultados efetivos na sala de aula ainda são lacunares.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua inglesa; Oralidade; Prática docente; Plataforma Inglês Paraná.

ABSTRACT: This qualitative study investigates practices in teaching oral English in public schools in Paraná, focusing on pedagogical mediation via the English Paraná Platform. The

[1] Doutora em Estudos da Linguagem (PPGEL/UEL) - Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (UEL) - crcapellini@uel.br
[2] Acadêmica do Mestrado em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Docente pela SEED-PR _ vitoriapavao5@gmail.com

research is based on an experience report compiled during a supervised teaching internship, using Paradigmatic and Syntagmatic Analysis (PSA) as an analytical procedure applied to entries from reflective journals. The results reveal that oral language instruction occurs in two domains: Teaching Practice and the “Inglês Paraná” Platform. In the domain of teaching practice, oral language instruction is still limited to the oralization of written text (reading aloud and repetition), with limited use of text genres. In the “Paraná English Platform” domain, listening and mechanical repetition are prioritized. Overall, it is evident that the teaching of oral skills still faces severe structural challenges, including insufficient space in language labs and a lack of equipment (headphones and microphones), as well as motivational obstacles and institutional pressure for quantitative results. The results point to a disconnect between what is prescribed in official documents, such as the BNCC (Brazil, 2018) and the Paraná Curriculum Framework (Paraná, 2018), and the reality of the observed context in Paraná’s public schools. Although discussions on teaching oral English from the perspective of language as a social practice are not new, nor is the government’s discourse on the benefits of teaching English via the Inglês Paraná platform, actual classroom results remain limited.
KEYWORDS: English language teaching; Oral communication; Teaching practice; Inglês Paraná platform.

RESUMEN: Este estudio de carácter cualitativo investiga las prácticas de enseñanza de la expresión oral en inglés en los colegios públicos de Paraná, centrándose en la mediación pedagógica a través de la Plataforma Inglés Paraná. La investigación se basa en un relato de experiencia surgido durante las prácticas supervisadas, utilizando como procedimiento analítico el Análisis Paradigmático y Sintagmático (APS) sobre los registros de los diarios reflexivos. Los resultados revelan que la enseñanza de la expresión oral se desarrolla en dos ámbitos: la práctica docente y la Plataforma *Inglés Paraná*. En el ámbito de la práctica docente, la enseñanza de la expresión oral sigue limitándose a la oralización de lo escrito (lectura en voz alta y repetición), con un uso limitado de los géneros textuales. En el ámbito de la Plataforma *Inglés Paraná*, se da prioridad a la escucha y repetición mecánica. En general, se observa que la enseñanza de la expresión oral sigue enfrentándose a graves dificultades estructurales, como la insuficiencia de espacio en los laboratorios y la falta de equipamiento (auriculares y micrófonos), así como a obstáculos motivacionales y a la presión institucional por obtener resultados cuantitativos. Los resultados apuntan a un desajuste entre lo que prescriben los documentos oficiales, como la BNCC (Brasil, 2018) y el Marco Curricular de Paraná (Paraná, 2018), y la realidad del contexto de la escuela pública de Paraná observado. Aunque no son recientes ni los debates sobre la enseñanza de la oralidad en inglés desde la perspectiva de la lengua como práctica social, ni el discurso gubernamental sobre los beneficios de la enseñanza del inglés a través de la plataforma *Inglês Paraná*, los resultados efectivos en el aula siguen siendo insuficientes.
PALABRAS CLAVE: Enseñanza de la lengua inglesa; Oralidad; Práctica docente; Plataforma *Inglês Paraná*.

Introdução

Este estudo, de natureza qualitativa, teve origem em anotações de uma professora em formação inicial sobre suas vivências em sala de aula, durante o período de observação e regência no Estágio Supervisionado Curricular de Língua Inglesa. O presente relato de experiência insere-se na área da Linguística Aplicada,

Licença CC BY 4.0

com foco no ensino de oralidade e no uso de ferramentas digitais em língua inglesa no contexto da educação básica pública paranaense.

Nossas reflexões somam-se às de outros pesquisadores (Santana; Santana; Figueiredo, 2022; Silva, 2022; Cavazzani *et al*., 2023; Silva, 2023) que procuram construir um panorama crítico sobre a prática educacional e, ao mesmo tempo, conhecer os impactos das ferramentas digitais no ensino público, nos papéis do professor e do aluno, nas políticas educacionais e nas ideologias a elas subjacentes. Conforme ressalta Selwyn (2011), quando o assunto é tecnologia e educação, o foco não deve ser nas ferramentas em si, mas nas práticas, atividades, significados e relações sociais que elas possibilitam. E, diante da relação cada vez mais estreita entre tecnologia digital e ensino, é imperativo pesquisar sobre como as práticas pedagógicas e as políticas educacionais estão sendo moldadas.

As tecnologias digitais no chamado período pós-digital[3] vêm rapidamente e gradativamente remodelando formas de interação humana, com soluções inovadoras e oportunidades de negócios de alcance global. No cenário educacional, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) vêm ganhando cada vez mais relevância por facilitar os processos educacionais. Dentre os vários atrativos, as plataformas digitais têm sido apresentadas como ferramentas acessíveis, por serem personalizadas e por facilitarem o trabalho colaborativo. Contudo, temas como desigualdade de acesso, dificuldade de interação e carência de formação adequada de professores também são evidenciados no fenômeno conhecido como *plataformização da aprendizagem*. Além de darem suporte a práticas pedagógicas tradicionais, as plataformas digitais perpassam os modelos sociais de comunicação, de acesso à informação e de geração de conhecimento, tornando-se, com isso, um negócio multimilionário global (Selwyn, 2017).

No que diz respeito ao ensino de língua inglesa, as plataformas digitais podem oferecer uma grande variedade de recursos e oportunidades de interação com falantes de diversas partes do mundo. Nessa direção, em 2021, o estado do Paraná implantou plataformas educacionais digitais[4], dentre as quais destacamos a Plataforma Inglês Paraná, que, de acordo com a Secretaria de Estado de Educação

[3]O termo pós-digital faz referência ao período atual, no qual a presença da tecnologia digital impacta todos os aspectos da vida das pessoas e todas as esferas sociais.
[4]Para mais informações: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/plataformas_educacionais. (Paraná, 2021).

Licença CC BY 4.0

(SEED-PR), foi concebida como uma nova ferramenta de estudo, com o objetivo de aprimorar o ensino e a aprendizagem de inglês para alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio em escolas da rede estadual, ampliando as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e o acesso a informações de todas as partes do mundo.

A justificativa desta pesquisa reside no fato de que, com a implantação da plataforma, o acesso ao material didático utilizado nas aulas de inglês ficou restrito, o que impactou a formação inicial de professores de inglês, especialmente os que se encontravam em fase de preparação de aulas para regências no estágio supervisionado. À época, em 2023, nos papéis sociais de aluna-professora e de professora-formadora, surgiu o interesse em compreender as dinâmicas do ensino de oralidade em língua inglesa em escolas públicas paranaenses, com foco na mediação pedagógica via Plataforma Inglês Paraná, por meio do aprofundamento de situações que emergiram durante o período de estágio supervisionado.

Nossa pesquisa distingue-se desse conjunto ao tomar como locus a formação inicial docente, pois, em vez de examinarmos a plataforma isoladamente, analisamos as anotações de uma aluna-professora em estágio supervisionado, nas quais a prática da professora regente e a mediação por meio do recurso digital são articuladas em turmas do Ensino Fundamental. Para fins de organização, este relato, além da seção introdutória, apresenta uma revisão da literatura sobre as bases prescritivas que norteiam o ensino da oralidade em língua inglesa em nosso contexto de investigação, bem como sobre o ensino por meio de plataformas digitais e o ensino de inglês na Plataforma Inglês Paraná. Na sequência, situamos as escolhas epistemológicas e metodológicas que nos auxiliaram e, por fim, apresentamos nossas análises e algumas reflexões finais.

Oralidade e ensino de inglês no contexto brasileiro

A oralidade é uma das formas mais básicas de uso da língua. Ela não se opõe à escrita, pois a relação entre elas é de complementaridade. Marcuschi (2001, p. 25) a define como "uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora", ressaltando que suas realizações vão do mais informal ao mais formal, conforme o

Licença CC BY 4.0

contexto de uso. Essa concepção rompe com a tradição que atribuía à fala o lugar do erro e à escrita o da norma, uma vez que, para o autor, as diferenças entre ambas são da ordem do funcionamento, e não do sistema. Ong (1998, p. 19), por sua vez, ao distinguir a "oralidade primária" — das culturas sem contato com a escrita — da "oralidade secundária" — sustentada pelas tecnologias da comunicação em sociedades letradas —, entende que a fala não é um estágio anterior, a ser superado, e sim um fenômeno que persiste e se reconfigura.

Compreendido como prática social e com características próprias, o ensino da oralidade em inglês exige reflexão sobre as estratégias didáticas que levem os alunos a desenvolvê-la em sala de aula. Para isso, uma das abordagens que consideramos mais significativas para o desenvolvimento da oralidade parte da perspectiva discursiva, segundo a qual ensinar a fala não se reduz ao treinamento de estruturas ou de pronúncia isoladas, mas implica levar o aprendiz a compreender como a língua se organiza em situações reais de comunicação.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), ao legitimar o inglês como língua franca, reconhece sua importância como meio de acesso ao mundo globalizado e como possibilidade de contato com outros contextos e culturas, preparando o estudante para o exercício da cidadania. Nela, o ensino de inglês é organizado por ano de escolaridade, com conteúdos subdivididos em cinco eixos organizadores, a saber: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural. A inclusão do eixo da oralidade representa um avanço em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), majoritariamente centrados na leitura, e reforça a pertinência desta investigação.

Em linhas gerais, a BNCC (Brasil, 2018) propõe uma educação linguística crítica, pautada no conceito de multiletramentos, na qual o eixo da oralidade deve privilegiar práticas de linguagem que exploram a compreensão e a produção, com ou sem interação face a face. O foco na interação envolve a produção e a negociação de sentidos por meio de práticas discursivas de complexidade progressiva, mediadas por gêneros textuais de diferentes esferas sociais. Com isso, o repertório de fala do estudante vai se ampliando, possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia para uma maior participação cidadã.

A adoção da perspectiva do inglês como língua franca desloca a atenção do ensino para a inteligibilidade, em detrimento do ideal do falante nativo. Em outras

Licença CC BY 4.0

palavras, a ênfase do ensino recai sobre situações comunicativas que viabilizem a interação discursiva, a compreensão e a produção oral, com o objetivo de levar o estudante ao desenvolvimento de competências e habilidades que resultem em comunicação eficaz, empatia, pensamento crítico, capacidade de argumentação e de reflexão. Nesse viés, os gêneros textuais, em especial os da esfera digital, são tomados como possibilidades para ampliar o ensino da língua inglesa, de modo que ocorra como prática social, pois, ao ouvir, analisar e produzir discursos reais, as estruturas linguísticas e o léxico são ressignificados como ferramentas de interação, superando a visão do ensino como um fim em si mesmo.

Ensino de oralidade no ensino público paranaense

Seguindo os princípios da BNCC (Brasil, 2018), o estado do Paraná publicou o Referencial Curricular do Paraná (Paraná, 2018) para normatizar e adequar as diretrizes nacionais à realidade dos municípios do estado e de suas redes de ensino. Este documento estabelece oito princípios orientadores, entre os quais a formação integral e a educação inclusiva. Em relação à língua inglesa, o Referencial reafirma a importância de romper o ideal de proficiência linguística em busca da cultura do ensino-aprendizagem e considera que, com o advento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), as maneiras de se aprender e ensinar inglês estão modificando o status do inglês, que passa a ser entendido como língua franca e como recurso mediador de interações sociais. Assim, a perspectiva do ensino da língua inglesa no Paraná alinha-se às demandas mundiais, considerando novas formas de linguagem e interações multimodais e híbridas. Torna-se prioritário o ensino mediado por gêneros textuais que possibilitem aos estudantes o desenvolvimento de novas formas de compreensão e produção de conhecimentos, pelo viés dos multiletramentos e das relações interdisciplinares (Paraná, 2018).

Para sistematizar o ensino da oralidade nas aulas de inglês, o documento paranaense apresenta desafios que exigem o planejamento de estratégias específicas para motivar os alunos e minimizar suas dificuldades de fala. Além disso, ressalta-se que o professor deve considerar as características individuais dos estudantes, como a timidez e o ritmo de aprendizagem, integrando a prática oral aos demais eixos do ensino do idioma. Ao longo do ensino fundamental, as práticas de

Licença CC BY 4.0

compreensão e produção oral em língua inglesa devem explorar diferentes contextos discursivos, presenciais ou simulados, de modo a apresentar um repertório diversificado, considerando a fala do professor. De igual modo, a prática da escuta é considerada uma característica fundamental no processo de ensino-aprendizagem e deve ser uma constante nas atividades propostas pelo professor.

Publicado em 2018, o Referencial Curricular do Paraná regulamentou o ensino politicamente e teoricamente. Em 2019, com o objetivo de facilitar a transposição prática para as escolas da rede estadual, foi publicado o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), com ferramentas de planejamento para o professor e com foco no desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes. No volume destinado à Língua Inglesa nos anos finais do Ensino Fundamental, o eixo oralidade recomenda o trabalho com textos orais de diferentes gêneros, privilegiando textos autênticos, de modo a dar aos estudantes acesso à língua inglesa em diferentes contextos de uso e pronúncias, "propiciando a compreensão do idioma em seu status de língua franca e interação significativa, em diferentes situações comunicativas" (Paraná, 2021, p. 6). No processo de transposição didática, portanto, o ensino da oralidade deve privilegiar textos autênticos e interações significativas, preferencialmente multimodais e híbridas, nas quais a prática auditiva e a mediação tecnológica são centrais.

Plataformas digitais no ensino público paranaense

O crescimento do uso de tecnologias no setor educacional tornou-se ainda mais notável na última década. Santana, Santana e Figueiredo (2022) destacam que o aumento exponencial desse uso vem sendo legitimado por políticas públicas educacionais. A BNCC (Brasil, 2018), por exemplo,

> Faz menção à aprendizagem por meio de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs, doravante) e as caracteriza como uma "competência essencial" (Brasil, 2018, p. 9 *apud* Santana; Santana; Figueiredo, 2022, p. 213), um "direito de aprendizagem infantil" (Brasil, 2018, p. 38 *apud* Santana; Santana; Figueiredo, 2022, p. 213), uma desenvolvedora de "autonomia" (Brasil, 2018, p. 94 *apud* Santana; Santana; Figueiredo, 2022, p. 213) e ampliadora de "possibilidade de acesso [...] à

Licença CC BY 4.0

> cultura e ao trabalho" (Brasil, 2018, p. 475 *apud* Santana; Santana; Figueiredo, 2022, p. 213). O documento parece compartilhar da concepção da tecnologia como transformadora de experiências educacionais (Santana; Santana; Figueiredo, 2022, p. 213-214).

No estado do Paraná, tornou-se crescente a preocupação com os efeitos da implementação de plataformas digitais no sistema público de ensino, devido a diversos fatores negativos já constatados, como a sobrecarga de tarefas de professores e estudantes, o adoecimento docente causado pela pressão e pela cobrança de bons resultados por parte de órgãos governamentais, a falta de estrutura e de recursos adequados nas escolas, além das falhas dos próprios recursos, a exemplo dos resultados da pesquisa encomendada pela APP Sindicato, em 2023, chamada "Plataformização da Educação"[5], que apontou índices altos sobre a ineficácia do recurso para a melhora do aprendizado, além da exclusão de estudantes e da falta de recursos digitais apropriados.

Silva (2022), ao analisar a gestão e a política educacional paranaense durante o período de pandemia de Covid-19, apontou que algumas plataformas digitais foram usadas para monitoramento e controle da quantidade de acessos e realização de atividades. Além da precarização do trabalho docente, com a imposição de conteúdos de ensino que acabaram ferindo a liberdade de cátedra, e da restrição da mediação crítica do espaço educacional, o pesquisador destaca que se instaurou um sistema de vigilância e produtividade no qual métricas quantitativas prevaleceram em relação à qualidade social e à emancipação humana. Na mesma direção, os resultados iniciais da pesquisa de Mendes e Oliveira (2023) sobre o uso de plataformas digitais em escolas públicas, realizada pela SEED-PR entre 2021 e 2023, apontaram que o uso compulsório de plataformas digitais na educação básica coloca em risco a autonomia do trabalho docente e o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Para Niesvald e Silva (2025), a inserção obrigatória de recursos digitais no cotidiano escolar público paranaense tem transformado a prática docente em um sistema de controle e vigilância contínuos. Esse processo acaba por consolidar um neotecnicismo de caráter behaviorista, no qual a mediação crítica do professor é

[5]"A pesquisa 'Plataformização da Educação' foi realizada pelo IPO entre os dias 28 de junho e 7 de julho de 2023, com 300 professores(as), pedagogos(as) e diretores(as) da ativa sindicalizados(as) à APP. A amostra é representativa por região do estado, sexo e faixa etária e a abordagem foi conduzida por ligações telefônicas." (IPO, 2023).

Licença CC BY 4.0

substituída por protocolos automatizados de treinamento e de monitoramento do desempenho pedagógico.

Enquanto a Secretaria da Educação do Estado do Paraná (Paraná, 2024) destaca os resultados positivos com a educação gamificada, o uso das plataformas pedagógicas como métodos essenciais à aprendizagem e ao bom desempenho escolar, Santos (2025), ao discutir a plataformização da educação pública do Paraná, destaca os impactos dessa política educacional na autonomia dos educadores e conclui que a plataformização, embora apresentada como inovação e modernização da rede estadual de ensino, caracteriza-se como mecanismo de poder disciplinar que aproxima a gestão escolar da lógica neoliberal e mercadológica.

Plataforma Inglês Paraná

A Plataforma Inglês Paraná foi introduzida pelo governo estadual em outubro de 2021, como parte da política educacional de enfrentamento à pandemia de COVID-19, destinada a estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio e a professores de língua inglesa da rede pública estadual. Ela resultou do Pregão Eletrônico nº 71/2021, realizado pela SEED-PR em abril de 2021, para a contratação de 420 mil licenças de acesso à plataforma educacional de língua inglesa, no modelo Software as a Service, no valor global máximo de R$ 22.780.800,00, tendo como vencedora a empresa EF Educação Especializada e Viagens ao Exterior (Braz, 2026).

No período em que os dados desta pesquisa foram gerados, em 2023, a plataforma[6] estava organizada da seguinte forma: para iniciar as atividades, o estudante realizava um teste de nivelamento que identificava seu nível de conhecimento de inglês, com exceção dos alunos dos sextos anos, que deviam começar pelo módulo "Iniciante 1". Cada nível era composto por unidades que exploravam expressões linguísticas, vocabulário e gramática, e as atividades voltadas ao desenvolvimento da oralidade recorriam a imagens correspondentes à palavra, frase ou texto escritos e a um sistema de captura da voz do estudante.

[6] Em março de 2025, o programa foi reestruturado em duas versões: *Inglês Paraná Teens*, para os 6º, 7º e 8º anos, com suporte de inteligência artificial, e *Inglês Paraná High*, para o 9º ano, Ensino Médio, EJA e cursos profissionalizantes. Essa reconfiguração é posterior ao período de geração dos dados aqui analisados.

Licença CC BY 4.0

Com o objetivo de conhecer as pesquisas já produzidas sobre a plataforma, realizamos buscas no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES. Os trabalhos localizados organizam-se em dois eixos de interesse.

Um primeiro eixo volta-se ao discurso que legitima a plataforma e aos seus efeitos sobre o trabalho docente. Santana, Santana e Figueiredo (2022), em uma análise crítica do discurso da notícia de lançamento, identificaram uma política educacional representada como benéfica e transformadora, com traços de desescolarização e de desqualificação do professor. De Deus (2024), ao contrastar a enunciação estatal com as vozes de graduandos e professores vinculados ao Pibid-Inglês, identificou antagonismo entre ambas quanto à eficácia da ferramenta, bem como uma visão mercadológica da educação linguística, sustentada por correntes neoliberais. Na mesma direção, Paizan e Oliveira (2025) e Silva (2025) apontam que a adoção compulsória e a ausência de diálogo com a categoria docente resultam na perda de autonomia, e que a plataforma é percebida pelos professores menos como recurso de aprendizagem e mais como instrumento de controle burocrático voltado à geração de dados.

Um segundo eixo examina o tratamento que a ferramenta confere à língua. Silva (2023), em levantamento das atividades de leitura, constatou o predomínio de tarefas passivas, centradas na compreensão literal e na repetição de exercícios gramaticais e de vocabulário, em desacordo com a concepção de leitura como construção de sentido defendida pelos documentos prescritivos. No eixo da oralidade, Marcante e Pereira (2023) reconhecem na plataforma uma tentativa de metodologia ativa e de ampliação do acesso a diferentes culturas, mas registram conteúdos superficiais, repetitivos e descontextualizados, além de desigualdade de acesso entre os estudantes. Paizan e Oliveira (2025), por sua vez, descrevem uma aprendizagem pautada em tentativa e erro e em métricas de progresso e certificação, e caracterizam o recurso como um modelo fechado e repetitivo, distante da perspectiva dos multiletramentos. A esse quadro somam-se os obstáculos de infraestrutura — conexões instáveis e falta de equipamentos — recorrentes tanto em Paizan e Oliveira (2025) quanto em Silva (2025).

Conforme documenta Braz (2026), o uso da ferramenta foi obrigatório durante a vigência do contrato, de 2021 a 2025. Embora a SEED-PR tenha declarado publicamente, em 2025, o caráter facultativo das plataformas digitais, a

Licença CC BY 4.0

pesquisadora — então professora contratada da rede — registra ter sido compelida, por duas vezes, a assinar ata de ciência por não atingir a meta de 90% de utilização da plataforma por seus estudantes. É nesse quadro de cobrança por metas quantitativas que se inscrevem as percepções analisadas neste relato.

Embora esses trabalhos foquem em diferentes aspectos, variando do discurso oficial do governo às práticas de leitura e de oralidade, todos convergem ao apontarem que a Plataforma Inglês Paraná fragiliza a autonomia docente, trata o ensino de inglês de modo superficial e em descompasso com as prescrições nacional e estadual para o ensino, além de implantar um modelo educacional que valoriza métricas, padrões behavioristas e ideologias neoliberais em detrimento da formação crítica e emancipatória dos estudantes.

Metodologia

Este é um estudo de natureza qualitativa, pois entendemos a realidade como uma construção social, ou seja, que emerge nas interações dos sujeitos em seus ambientes (André, 2008). Para Guba e Lincoln (1994, p. 105), trata-se de um "sistema básico de crenças ou a visão de mundo que guia o investigador, não apenas em escolhas de método, mas em caminhos ontológicos e epistemológicos fundamentais". Tais caminhos podem revelar a natureza do mundo, o lugar ocupado pelo indivíduo e as possíveis relações entre eles.

Ao optarmos pelo estudo qualitativo de situações de sala de aula, adotamos uma ontologia relativista por entendermos que a realidade é social, múltipla, apreensível, divergente e produto do intelecto. Sendo assim, esta investigação objetiva compreender as dinâmicas do ensino de oralidade em língua inglesa em escolas públicas paranaenses, com foco na mediação pedagógica por meio da Plataforma Inglês Paraná, a partir de situações que emergiram durante o estágio supervisionado. A unidade de análise centra-se na percepção reflexiva da aluna-professora sobre registros em seu diário, com anotações de observação da prática docente, da mediação das atividades pedagógicas e das atividades realizadas na Plataforma Inglês Paraná.

Dessa forma, o corpus de análise é constituído por anotações de diário reflexivo produzidas sem a rigidez de padrões pré-estabelecidos para a pesquisa,

Licença CC BY 4.0

mas entendidas como instrumento de formação docente, utilizado para registrar momentos e experiências autênticas da prática do estágio supervisionado de Língua Inglesa, realizado em 2023, em duas escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental II, situadas em dois municípios do norte do Paraná. Foram acompanhadas três turmas, sob a regência de três professoras — duas no primeiro semestre e uma no segundo. Cada turma dispunha de duas aulas semanais de língua inglesa. A carga horária anual de estágio supervisionado, de 100 horas, foi distribuída em 14 horas de observação, correspondentes a 16 aulas; e 20 horas de regência, correspondentes a 24 aulas. Como critério de privacidade e confidencialidade, professores, alunos e escolas não são identificados. A rotina das escolas consistia no uso do laboratório de informática para a realização de atividades da plataforma em uma aula semanal.

A pesquisa tem como abordagem metodológica e método analítico a Análise Paradigmática e Sintagmática (APS) (Reis, 2015, 2018; Egido; Reis, 2019) para o exame indutivo-dedutivo dos dados e posterior proposição de categorias analíticas. Para a APS, o pesquisador é parte integrante da realidade e sua existência é produzida por suas percepções, entendimentos e singularidades ao se relacionar com os mundos físico e social. Como o nome sugere, a APS combina duas fases analíticas, a paradigmática e a sintagmática.

Na primeira fase, a paradigmática, realizamos a redução e a categorização dos dados para uma compreensão geral, bem como a observação de divergências e convergências por meio de leituras cíclicas (retorno constante aos dados). Nas leituras cíclicas, foram realizadas análises a fim de verificar, validar e consolidar nossa proposta de categorização. Desse modo, o processo de análise englobou várias fases de tentativas e refinamentos. Na segunda fase, a sintagmática, construímos asserções, estabelecendo ideias que podem ser, entre muitas outras, de concessão, adição, exclusão e subordinação, e que representam as nossas escolhas quanto ao uso da linguagem, entendida como instrumento de poder (Reis, 2018), na apresentação das análises.

Licença CC BY 4.0

Ensino de oralidade na aula de inglês

Conforme apresentamos na seção anterior, os dados foram analisados sob a ótica da Análise Paradigmática e Sintagmática (APS), que tem como principal expoente Reis (2015, 2018). Classificamos os dados em dois domínios, o da Prática Docente e o da Plataforma Inglês Paraná. Entendemos domínios como espaços de atuação nos quais o professor regente exerce a docência e em que a aluna-professora expressa suas reflexões. No domínio da Prática Docente, identificamos reflexões sobre o ensino da oralidade e os recursos. No domínio da Plataforma Inglês Paraná, as reflexões referem-se à Organização, à Capacitação, aos Recursos estruturais, ao Desenvolvimento da oralidade e aos Desafios.

Na sequência, apresentamos as categorias de análise geradas de modo indutivo-dedutivo, a partir do exame das anotações. Nos Quadros 1 e 2, apresentamos a síntese analítica das temáticas identificadas nos dados. Em seguida, conceituamos cada categoria e subcategoria(s) e as ilustramos com excertos.

Quadro 1- Reflexões sobre a prática docente.

Domínio	Categorias	Subcategorias	Ocorrências
Prática Docente	Ensino da oralidade	*Oralização da escrita*	Leitura em voz alta
			Repetição da leitura do professor
	Recursos	*Gêneros textuais*	Poema
			Diálogo
		Jogos online	
		Vídeo	

Fonte: As autoras.

Prática Docente

No domínio da Prática Docente, as reflexões relativas ao Ensino da oralidade referem-se à ação de levar o aluno a desenvolver capacidades de compreensão e produção da língua falada. Já, por Recursos, consideramos os instrumentos utilizados no desenvolvimento das habilidades de compreensão e de produção da

Licença CC BY 4.0

língua falada. As reflexões sobre o Ensino da oralidade contemplam a oralização da escrita, que se dá quando o estudante realiza leitura em voz alta e repetição da voz do professor. Por outro lado, foram utilizados como Recursos para o ensino os gêneros textuais: poemas e diálogos, jogos online e vídeo.

Ensino da oralidade por meio de leitura em voz alta

No domínio da Prática Docente o Ensino da oralidade ocorreu por meio da oralização da escrita, ou seja, da leitura de textos em voz alta para o reconhecimento de sons e palavras, sem a pretensão de que o estudante desenvolva a fala espontânea:

> Hoje, [...] notei que a professora usou a leitura de textos no quadro como principal estratégia para praticar oralidade com os alunos. [...] essa ação é entendida pela professora regente como um exercício prático. Em minha análise, ela chama a atenção dos alunos para que reconheçam os sons, mas não há atividade de fala espontânea.
>
> [...] observei reações diferentes dos alunos durante uma atividade de leitura feita pela professora. Enquanto alguns demonstram facilidade e participam sem receio, a maioria se nega a ler em voz alta. Eles têm medo de errar. Muitos se fecham e evitam; não querem fazer atividades orais.
>
> Acompanhei uma atividade utilizando um poema e observei que os alunos realizaram a leitura individual dos versos de forma sequencial.

No primeiro excerto, a aluna-professora percebe que a prática da oralidade é realizada por meio da leitura de textos no quadro pelos alunos, enquanto, no segundo, ela indica que a atividade de leitura de texto em inglês em voz alta é afetada por fatores emocionais, como o medo de errar, o que impacta o ensino da oralidade. Por outro lado, no último excerto, ela observa que a professora ensina oralidade por meio da leitura individual do gênero textual 'poema'. Esses excertos demonstram que o ensino da oralidade ocorre por meio da oralização da escrita em forma de atividades de leitura individual e/ou coletiva.

Ensino da oralidade como repetição da leitura do professor

Licença CC BY 4.0

A Prática Docente de oralização da escrita como repetição da leitura do professor é observada em dois momentos: a leitura do professor com escuta atenta do aluno e, em seguida, a reprodução do aluno a partir da fala do professor.

> [...] na aula de hoje, a professora regente utilizou a estratégia de leitura compartilhada, solicitando que os alunos leiam partes do texto depois dela. O objetivo era ensinar oralidade e o vocabulário por meio da repetição. Contudo, essa atividade não fez com que os alunos falassem de forma espontânea ou autêntica.
>
> Acompanhei uma atividade na qual a professora regente ensinou cumprimentos (greetings) para que os alunos os repetissem entre si. [...] embora essa atividade seja lúdica e os alunos tenham gostado, me pareceu mecânica.

Por meio desses excertos, evidenciamos que o ensino de oralidade e de vocabulário ocorre a partir da leitura conjunta entre professor e aluno. Ensinar os alunos como se cumprimentar e repetir a fala com os colegas ainda necessita de contextualização e interação real, como preconizam os documentos oficiais, como a BNCC, assemelhando-se mais a um exercício de fala controlada.

Recursos - Gêneros textuais (poema e diálogo), jogos online e vídeo

Algumas percepções do domínio da Prática Docente referem-se aos gêneros textuais poema e diálogos; aos jogos online, considerados atividades significativas realizadas via internet, por meio de equipamentos eletrônicos, que podem ou não promover competição; e aos vídeos, entendidos como a reprodução em tela de imagens em movimento com aporte sonoro.

> Registrei como a professora usa o diálogo em sala. Ela inicia a dinâmica com perguntas simples para que os estudantes adquiram segurança. [...] Em meu entendimento, embora haja essa tentativa de interação, muitas vezes o diálogo não é trabalhado como um gênero textual real, e sim como um conjunto de frases soltas para exercitar a técnica de shadowing.
>
> Hoje, a professora fez uma atividade com um jogo online. Os alunos participam bastante. É uma atividade que engaja a turma e todos parecem gostar. Para o ensino da oralidade despertou interesse, mas a aula ficou mais restrita ao jogo em si.
>
> Uma das atividades será a gravação de vídeos individuais. [...] esse recurso parece ser mais fácil para os alunos em comparação a outras atividades de oralidade. Por ser individual, a tarefa reduz a pressão da exposição em tempo real, e os estudantes talvez se sintam mais seguros para falar.

Licença CC BY 4.0

Com relação ao diálogo em sala, a prática observada pareceu se distanciar do que propõem a BNCC e o Referencial Curricular do Paraná, pois o foco recai mais na reprodução mecânica e não na negociação de sentidos, ou em uma conversa real. Com respeito aos jogos, a aluna-professora relata que a turma gosta de trabalhar com jogos online, já que percebe a participação dos alunos e então acredita que o ensino por meio desse recurso produz melhores resultados. Contudo, parece faltar uma ligação entre a atividade de jogar e os objetivos de ensino. A percepção da aluna-professora sobre o recurso de gravação de vídeos individuais revela que se trata de uma estratégia apropriada às características da turma e com bom potencial para o desenvolvimento da oralidade dos alunos. Nossas análises, até aqui, focalizaram o ensino da oralidade na aula de língua inglesa. Na sequência, apresentamos a síntese analítica das reflexões da aluna-professora sobre a Plataforma Inglês Paraná.

Ensino de oralidade via Plataforma Inglês Paraná

No segundo domínio, o da Plataforma Inglês Paraná, encontramos anotações relativas à Organização, Capacitação, Recursos estruturais, Desenvolvimento da oralidade e Desafios Estruturais, Operacionais e Motivacionais. Por Organização consideramos a disposição dos elementos composicionais da plataforma. Por outro lado, a Capacitação é entendida como o preparo fornecido pelo governo do estado para que os professores possam utilizar a plataforma. Já os Recursos Estruturais são as ferramentas e os espaços para a realização das atividades da plataforma. Compreendemos como Desenvolvimento da oralidade os ganhos demonstrados pelos alunos quanto à aquisição de habilidades orais em inglês. Por fim, conceituamos Desafios como os entraves que afetam o ensino de oralidade.

Quadro 2 – Reflexões sobre a Plataforma Inglês Paraná.

Domínio	Categorias	Subcategorias
Plataforma Inglês Paraná	Organização	
	Capacitação	
	Recursos estruturais	
	Desenvolvimento da oralidade	

Licença CC BY 4.0

	Desafios	*Estruturais*
		Operacionais
		Motivacionais

Fonte: As autoras.

Informações sobre a Organização, entendida como a disposição dos elementos que compõem o recurso digital, são evidenciadas em excertos como os que seguem.

> Hoje, nas atividades no laboratório, observei que os módulos são divididos em lições sequenciais e que os alunos devem, obrigatoriamente, assistir a um vídeo ou ouvir um arquivo de áudio. Para mim, a finalidade dessas tarefas é a reprodução do que foi escutado; os estudantes ouvem e, em seguida, repetem as palavras ou frases. Pelas minhas leituras, identifiquei a técnica de shadowing como o eixo central da ferramenta, priorizando a repetição mecânica a uma produção oral mais autônoma.
>
> Ao observar os alunos interagindo com a plataforma, notei que ela capta a voz do aluno. Do lado das atividades, há um ícone de microfone. O aluno deve clicar nesse microfoninho para falar a frase ou a palavra solicitada, permitindo que o sistema capture o som pronunciado.

Nos excertos acima, a aluna-professora anota e reflete sobre a organização da plataforma e a realização das atividades que envolvem a fala. A ação de “falar em inglês” parece estar reduzida a uma resposta automática, sem que haja uma interação discursiva real no processo de ensino.

Algumas percepções do domínio da Plataforma Inglês Paraná referem-se à Capacitação docente. Em outras palavras, trata-se da formação recebida pelos professores para o uso da plataforma. Os excertos ilustram falas de diferentes docentes, cujas aulas a aluna-professora pôde observar ao longo do estágio.

> Ao observar a professora regente, notei que ela parecia um pouco perdida diante da exigência de uso da plataforma. Ela me disse que, embora tenham ocorrido momentos de tutoria síncrona via Google Meet promovidos pelo núcleo, esse suporte foi insuficiente. Percebi que há uma angústia nítida quanto à necessidade de mais capacitação por parte da professora.
>
> [...] Ao acompanhar a aula, vi que, para a professora, a chegada das novas ferramentas digitais (Plataforma Inglês Paraná) provocou um verdadeiro susto e uma preocupação muito grande. Pelo que vejo, ela tinha outra expectativa com o trabalho na plataforma. Ela me disse que essa foi a parte mais difícil na verdade, se adaptar, porque há muita cobrança.
>
> Hoje a professora me falou que para o professor é difícil no início, depois não, depois ele já viu a aula, ele já trabalhou a aula, então não fica, não se torna mais tão difícil assim.

Licença CC BY 4.0

> [...] a professora falou que não é da tecnologia, é um pouco mais velha. Então apanhou bastante. [...] o técnico fazia meet com os professores para explicar eles tiveram orientação. Foi dada muita orientação. Foram feitos vários meets.

Nos excertos, as professoras regentes afirmam que receberam capacitação para o uso da plataforma via Google Meet; no entanto, parece que não foi suficiente para todas, o que acabou causando medo, por não se sentirem preparadas para o uso. Nessa mesma direção, há relato de medo das cobranças por resultados no ensino.

Em nossa análise, esse sentimento de insegurança inicial pode ser compreendido como decorrente da implementação abrupta de tecnologias na rede estadual, o que causou instabilidade na prática pedagógica e afetou diretamente a rotina escolar. Além do impacto emocional na adaptação, evidencia-se que a capacitação parece ter se concentrado mais no suporte técnico do que na capacitação pedagógica. Com relação aos Recursos Estruturais, ou seja, à infraestrutura que viabiliza o funcionamento do ensino, os dados revelam que essa infraestrutura é variável e impacta a aula de inglês.

> [...] notei que a estrutura física da escola ainda é insuficiente. O laboratório precisaria ser maior e com mais computadores e recursos para atender a todos os alunos. Nem todos conseguem usar o computador durante as aulas.
>
> [...] a escola tem um laboratório bom e organizado. Cada aluno usa um computador. [...] em comparação com a escola anterior, as condições são melhores para a professora e os alunos. A aula na plataforma é mais tranquila.

Com relação à estrutura dimensional dos laboratórios, os excertos mostram a necessidade de ampliação, tanto do espaço quanto do número de computadores, visto que, em salas numerosas, não há recursos suficientes para todos os alunos. Nesse quesito, há uma divergência no ambiente escolar: uma escola oferece laboratórios e computadores a todos os alunos da turma, enquanto a outra não. É sabido que o revezamento de computadores fragmenta a dinâmica da aula, a concentração dos alunos e a interação. Esses excertos revelam que a eficácia do ensino de oralidade via plataforma está intrinsecamente ligada às condições estruturais da escola pública, evidenciando que a carência de recursos materiais

Licença CC BY 4.0

atua como um fator de exclusão e um entrave ao desenvolvimento das competências e habilidades almejadas nos documentos oficiais.

Com respeito ao Desenvolvimento da oralidade via Plataforma Inglês Paraná, os dados apontam para uma discrepância entre o que é prescrito para o ensino, o que é apresentado como recurso e o que efetivamente acontece durante a aula.

> Durante as aulas no laboratório, notei uma lacuna crítica no uso da Plataforma Inglês Paraná. Na prática, muitos alunos não realizam as atividades de oralidade porque não há microfones para fazerem as tarefas de repetição e captura de voz. Isso mostra que a plataforma acaba não desenvolvendo a parte oral por causa da falta de equipamentos.

De acordo com o excerto, a oralidade não é desenvolvida devido à falta de equipamentos adequados e em condições de uso. Este fato requer atenção, pois a condição relatada pela aluna-professora impacta significativamente o contexto observado e pode não se restringir a ele.

Como Desafios, destacam-se as observações sobre as dificuldades vivenciadas pelas professoras regentes ao revelarem desafios de diferentes naturezas: Estruturais, Operacionais e Motivacionais. Por Desafios Estruturais compreendem-se os obstáculos encontrados no espaço destinado ao uso da Plataforma Inglês Paraná, [...] notei que a estrutura física da escola ainda é insuficiente. O laboratório precisaria ser maior e com mais computadores e recursos para atender todos os alunos.

O excerto mostra que os Desafios Estruturais como laboratórios pequenos e falta de computadores, estão além do que é de competência do professor e adentram o terreno do financiamento e da manutenção, ou seja, são de competência governamental. Embora haja exigência do governo quanto ao uso da plataforma, ainda faltam condições estruturais para que as atividades sejam realizadas conforme solicitado.

Como consequência, os Desafios Operacionais, ligados à falta de instrumentos e materiais adequados, impactam a dinâmica de realização das atividades didáticas.

> [...] a falta de equipamentos básicos, como fones de ouvido. A escola não oferta esse recurso para todos os estudantes, há apenas seis unidades

Licença CC BY 4.0

> disponíveis na sala da equipe pedagógica, o que obriga os alunos a trazerem seus próprios fones de casa para conseguirem realizar as tarefas.
>
> [...] o excesso de alunos impede o uso individual e simultâneo dos computadores, eles têm que fazer um revezamento.
>
> [...] apesar de o laboratório garantir um computador por aluno, o processo de aprendizagem da fala e da escuta era interrompido porque os fones de ouvido já estavam estragados.

No tocante aos Desafios Operacionais, os dados apontam que não há fones e microfones suficientes para os alunos realizarem as atividades de oralidade, e, que por diversas vezes, cabe aos próprios estudantes trazerem seus fones pessoais para a aula. Isso traz à tona questões de acesso e desigualdade, pois implica a exclusão de alunos, visto que nem todos dispõem de equipamentos pessoais. Em decorrência disso, a oralidade acaba negligenciada e falhas operacionais impedem o estudante de ouvir e praticar, ainda que se trate de atividades de repetição descontextualizadas.

O efeito cascata é observado ao voltarmos nosso olhar aos desafios, pois desafios estruturais levam a desafios operacionais, que resultam em Desafios Motivacionais. A falta de incentivo ou motivação impacta negativamente na realização das atividades da plataforma.

> [...] um dos desafios maiores na aula da professora regente é a falta de interesse dos alunos. Esse, muitas vezes, é o maior entrave para o funcionamento da plataforma, exigindo que a docente direcione uma atenção constante e redobrada para identificar e tentar engajar aqueles que não demonstram motivação com a ferramenta.
>
> [...] percebi que essa apatia não é um comportamento isolado, mas parte de um cenário maior: as atividades da plataforma são frequentemente percebidas pelos estudantes como exaustivas e pouco atrativas, o que gera uma adversidade, que acaba desmotivando também as professoras.

A partir dos excertos, percebemos que a aluna-professora se preocupa com a falta de interesse dos alunos e constatamos que isso gera desmotivação generalizada. Essas evidências sugerem que o foco em resultados quantitativos e o caráter repetitivo da ferramenta podem levar à perda de sentido na aprendizagem da oralidade por estudantes e professores.

Licença CC BY 4.0

Considerações finais

Este estudo, fundamentado na análise das anotações do diário reflexivo da aluna-professora durante o estágio supervisionado de língua inglesa, revelou que o ensino de oralidade em língua inglesa nas escolas públicas paranaenses enfrenta um descompasso crítico entre as prescrições e a realidade da prática pedagógica. A partir da Análise Paradigmática e Sintagmática (APS) das vivências registradas, concluímos que a oralidade na aula de língua inglesa ainda é majoritariamente tratada como oralização da escrita ou como reprodução sonora. As atividades observadas limitam-se à leitura em voz alta e à repetição da fala do professor. Esses fatos distanciam o ensino da oralidade em inglês da perspectiva de interação social e de negociação de sentidos defendida pela BNCC e pelo Referencial Curricular do Paraná.

Os excertos analisados apontaram que a Plataforma Inglês Paraná, embora ofereça conteúdos potencialmente interessantes, ainda estrutura o desenvolvimento da fala de forma mecânica. Outro obstáculo é que seu uso é muitas vezes inviabilizado por desafios estruturais e operacionais, como laboratórios inadequados e a falta de fones e microfones, resultando na exclusão de alunos, na suspensão das atividades orais.

Os resultados apontados nesta pesquisa corroboram as críticas de que a "plataformização" do ensino no Paraná tem priorizado métricas quantitativas em detrimento da qualidade do ensino e da formação da autonomia e da consciência crítica nos estudantes. Esse cenário, reforçado pelas pesquisas de Niesvald e Silva (2025), Mendes e Oliveira (2023), Santos (2025), De Deus (2024), Braz (2026), entre outros, confirma a desmotivação e a perda de autonomia de professores e estudantes.

Em suma, a análise do olhar reflexivo de uma aluna-professora sobre o contexto escolar, ainda que sem o intuito de desenvolver um estudo sistemático, já mostrava que o ensino da oralidade ainda ocupa um espaço reduzido e fragilizado na aula de inglês do contexto estudado. Nesse sentido, alertamos que a tecnologia, quando implementada em larga escala, como é o caso da rede de ensino pública paranaense, de forma impositiva e sem suporte de infraestrutura suficiente, atua

Licença CC BY 4.0

mais como entrave do que como avanço do trabalho pedagógico e da aprendizagem da língua.

Por fim, apontamos um limite deste estudo que se torna uma nova agenda de pesquisa. Os dados aqui analisados foram gerados em 2023 e retratam uma configuração da Plataforma Inglês Paraná que, desde então, foi modificada. Em março de 2025, o programa foi reestruturado em duas versões, o *Inglês Paraná Teens*, destinado aos 6º, 7º e 8º anos, e o *Inglês Paraná High*, voltado ao 9º ano, ao Ensino Médio, à Educação de Jovens e Adultos e aos cursos profissionalizantes (Paraná, 2025). A versão destinada aos anos finais do Ensino Fundamental passou a contar com uma inteligência artificial interativa que permite ao estudante conversar por voz ou por chat (Paraná, 2025), recurso que difere, em sua natureza, das atividades de escuta e repetição identificadas em nossas análises.

Se, no contexto analisado, a oralidade era mediada pela captura da voz do aluno para a reprodução de sons, a possibilidade de interação com um interlocutor artificial nos leva a questionar: Estamos diante de uma interação discursiva ou de outra forma de reprodução automatizada? *Há negociação de sentidos? Há uso da língua como prática social?* Deixamos essas perguntas em aberto, reiterando que os entraves estruturais e operacionais aqui explicitados — laboratórios reduzidos, ausência de fones e microfones, exclusão de estudantes sem equipamento próprio — independem da sofisticação do recurso digital adotado e permanecem como condição concreta para que qualquer proposta de ensino de oralidade se efetive na escola pública.

Considerando o que os dados revelaram, encerramos nossas reflexões destacando a importância da pesquisa na implantação de políticas educacionais, pois, embora o Referencial Curricular do Paraná estabeleça princípios democráticos e emancipatórios, a prática do ensino de oralidade em inglês, tanto na sala de aula como a realizada via Plataforma Inglês Paraná, enfrenta entraves operacionais e ideológicos que limitam o espaço para um ensino efetivo da língua, contrariando o princípio fundamental da "liberdade de aprender e ensinar" (Paraná, 2018, p. 10).

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

Licença CC BY 4.0

APP-SINDICATO. *Para 83% dos(as) professores(as), plataformas digitais não melhoraram aprendizado de estudantes no Paraná*. Curitiba: APP-Sindicato, 10 ago. 2023. Disponível em: https://appsindicato.org.br/para-83-dosas-professoresas-plataformas-digitais-nao-melhoraram-aprendizado-de-estudantes-no-parana/. Acesso em: 21 ago. 2026.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC, 1998.

BRAZ, B. O. *Inglês em um clique*: discutindo a educação na era das plataformas digitais no Paraná. 2026. 309 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2026.

CAVAZZANI, A. L. M. *et al*. Precarização do trabalho docente: plataformas de ensino no contexto da fábrica difusa. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 26, n. 59, p. 209-228, dez. 2023.

DE DEUS, Renan William Silva. *Plataforma "Inglês Paraná"*: representações, discursos e ideologias. 2024. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024. Disponível em: https://repositorio.uel.br/items/60d5e4f1-08f9-4a3f-8ba1-d3b490f8a3a5. Acesso em: 19 ago. 2026

EGIDO, A. A.; REIS, S. Ilustrações de princípios e procedimentos da Análise Paradigmática e Sintagmática. *Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, v. 21, n. 2, p. 1–20, 2019.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. *In*: DENZIN N. K.; LINCOLN Y. S. (org.) Handbook of qualitative research. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. p. 105-117.

IPO - INSTITUTO PESQUISAS DE OPINIÃO. *Percepção dos professores sobre a plataformização da educação no Estado do Paraná - Parte III*: relatório de pesquisa. Curitiba: IPO; APP-Sindicato, jul. 2023. 56 p. Disponível em: https://appsindicato.org.br/wp-content/uploads/2023/08/PesquisaPlataformasParteIII.pdf. Acesso em:

MARCANTE, L.; PEREIRA, S. *Ensino da oralidade em língua inglesa por meio da plataforma "Inglês Paraná"*. 2023. TCC (Licenciatura em Letras) - UTFPR, Pato Branco, 2023.

Licença CC BY 4.0

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDES, A. A. P.; OLIVEIRA, M. M. F. O Uso Compulsório de Plataformas Digitais de Aprendizagem em Sala de Aula na Educação Básica Pública do Estado do Paraná - Brasil. *Revista Interacções*, Santarém, v. 19, n. 64, p. 1–25, 2023.

NIESVALD, K. T. S.; SILVA, J. C. da. Plataformização da educação e o esvaziamento da função social da escola: apontamentos sobre o Paraná (2019–2024). *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 22, n. 1, e255205, 2025.

ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita*: a tecnologização da palavra. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

PAIZAN, D. C.; OLIVEIRA, M. F. de. Multiletramentos e ensino de inglês: práticas e desafios da plataforma Inglês Paraná. *Brazilian Journal of Business*, Curitiba, v. 7, n. 4, e82890, out./dez. 2025.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. *Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP)*. Curitiba: SEED/PR, 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. *Currículo da Rede Estadual Paranaense (Crep)*: língua inglesa. Curitiba: SEED/PR, 2021. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_lingua_inglesa_2021_anosfinais.pdf. Acesso em: 02 jun. 2026.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. *Referencial Curricular do Paraná*: princípios orientadores e direitos de aprendizagem. Curitiba: SEED/PR, 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Inglês Paraná Teens*. 2025. Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/ingles-parana-teens. Acesso em: 10 maio 2026.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Plataformas Educacionais*. Curitiba, 2021. Disponível em: https://professor.escoladigital.pr.gov.br/plataformas_educacionais. Acesso em: 19 ago. 2026

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Rede estadual*: plataformas de apoio à aprendizagem se destacam no 1º semestre. Curitiba: SEED, 18 jul. 2024. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Rede-estadual-plataformas-de-apoio-aprendizagem-se-destacam-no-1o-semestre. Acesso em: 18 ago. 2026.

REIS, S. Análise paradigmática e sintagmática em pesquisa qualitativa com dados de linguagem humana. *Signum*: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 2, p. 147-171., 2018.

Licença CC BY 4.0

REIS, S. *Análise paradigmática e sintagmática*. 2015. Disponível em: https://bit.ly/2yH69ID. Acesso em: 29 maio 2026.

SANTANA, P. A. R.; SANTANA, N. S.; FIGUEIREDO, D. C. Uma ferramenta que veio inovar o ensino da língua inglesa na rede pública: Análise crítica do discurso da notícia de lançamento da Plataforma Inglês Paraná. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 75, n. 3, p. 211-236, set/dez 2022.

SANTOS, D. G. dos. Plataformização da Educação Pública Paranaense: Reflexões sobre Autonomia Docente, Adoecimento Controle e Vigilância. *Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 22, 2025.

SELWYN, N. *Education and technology*: key issues and debates. Londres: Bloomsbury, 2011.

SELWYN, N. Um panorama dos estudos críticos em educação e tecnologias digitais. *In*: ROCHA, C.; EL KADRI, M.; WINDLE, J. (org.) *Diálogos Sobre Tecnologia Educacional*. São Paulo: Pontes, 2017. p.15-40.

SILVA, E. A. da. *Uma análise quali-quantitativa das atividades de leitura em plataforma digital de inglês como recurso didático*. 2023. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2023. Disponível em: Repositório Institucional da UTFPR. Acesso em: 10 jun.2023.

SILVA, M. P. *Plataforma Inglês Paraná*: concepções e experiências de professores do PIBID e da Residência Pedagógica. 2025. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2025.

SILVA, R. A. *Políticas Educacionais e Gestão da Educação no estado do Paraná em tempos de pandemia de Covid-19. 2022*. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

UNESCO. *Relatório de monitoramento global da educação 2023*: a tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem? Paris: UNESCO, 2023.

Recebido em: 16 abr. 2026.
Aprovado em: 23 jul. 2026.

Revisor(a) de língua portuguesa: Camila de Fátima Rosa
Revisor(a) de língua inglesa: Renan William Silva de Deus
Revisor(a) de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho

Licença CC BY 4.0